

HANS GRUDZINSKI

GRUDZINSKI

Armindo Trevisan

A gravura é com o desenho a arte que mais se relaciona com a escrita. A rigor, é uma escrita que se lê superficialmente, cujo significado consiste na luta da mão com a matéria, do lápis com o papel. Leia-se: do instrumento que, num corpo-a-corpo com a matéria, extrai desta uma série de imagens ou formas que estão ali para serem vistas. Apenas vistas. A grande tentação de um alfabetizado é passar, sem intermediação, da gravação para o significado, como se a gravura tivesse outro significado fora de si mesma. Não tem, embora ela possa servir de veículo a uma mensagem, como no caso de Hans Suliman Grudzinski. O objetivo da gravura é, de certa maneira, tocar o espectador. Como diz admiravelmente Bachelard: "não se contempla a gravura; a ela se reage, ela nos traz imagens de despertar. Não é somente o olho que segue os traços das imagens, pois a imagem visual é associada a uma imagem manual que verdadeiramente desperta em nós o ser ativo. Toda mão é consciência de ação".

Fixemo-nos na atual mostra de Grudzinski. Primeiramente, são gravuras que não se dão ao primeiro olhar. Este - o primeiro olhar - quer sempre atingir o conjunto. Ora, como abrangê-lo a não ser através da imagem? Sendo esta algo parasitário, para o gravador, segue-se que a contemplação deve ceder lugar à ação, à experiência da mão que grava ou escreve. Imagine mos uma escrita sem significado: pode-se lê-la, desde que nos desinteressemos de qualquer coisa que são os signos ali deixados. Estes, que se materializam nos traços, na tinta, na granulação do papel, nas sugestões táteis da impressão, são os verdadeiros responsáveis pela obra de arte que é a gravura. Grudzinski, por exemplo, não se limitava a preparar a ação dos ácidos; ia ao ponto de expor suas placas numa rua movimentada para que sua escrita consciente fosse ampliada e completada pela escrita "inconsciente" dos elementos naturais. Notemos que semelhante concessão não diminua seu métier; pelo contrário, inclusive nas suas gravuras a cores, tal métier está presente, sobretudo na malícia com que une a cor à luz, como se esta tivesse a função de absorver aquela. Suas cores são manchas luminosas; em certo sentido, a

luz cai nelas, mas as torna flutuantes. Por isso, mesmo nas suas gravuras a cores, temos a impressão de estar diante de gravuras em preto e branco. Observemos o tríptico "Torcida-Pelada-Torcida". Figura-se aí uma obsessão nacional: o futebol. Na ceda da esquerda, um grupo de quatro pessoas contempla o espetáculo. Duas pessoas participam ativamente. A sugestão urbana apenas se delinea. Um jato de luz (à direita) traz uma provocação do campo de jogo. Na cena da direita, também aparecem quatro personagens, dois interessados na partida, embora, nestes, a tensão seja menor. Sobre eles, no fundo, os edifícios da cidade grande, a envolvê-los. Na cena central, os jogadores que, em Grudzinski, atingem uma dimensão cósmica. A que se reduzem com efeito? A silhuetas mágicas que mimam um drama - uma "agonia" (palavra que quer dizer: combate). Tudo colocado diante de uma enorme manga-cogumelo, de um branco amarelado, que se expande para o alto. Na parte inferior, o vermelho simula a boca de um vulcão. Eis a segunda leitura, não menos necessária do que a primeira. Nesta, Grudzinski é um poeta-filósofo-místico; naquela, um artista. Como gravador, escreve par la touche et par la tache (pelo toque e pela mancha) na admirável expressão de Focillon; como poeta produz metáforas, que conduzem o leitor além dos lugares-comuns. Noutras palavras, nas mencionadas gravuras, Grudzinski sugere a idéia de um ato aparentemente alienado, no qual também se joga o destino humano.

Grande gravador, um dos melhores de todos os tempos no Brasil, Hans Suliman-Grudzinski oferece-nos uma arte essencialmente dialética, baseada em oposições, das quais a primeira é a da tinta e do papel. O branco e o preto. Não são eles, ja materialmente, uma metáfora do significado? Paradoxalmente, o preto, símbolo da escuridão, é no papel o símbolo da vitória do significado sobre o absurdo - a brancura, ou excessiva luz. De qualquer maneira, diante de uma arte tão exigente como a de Grudzinski, o espectador só tem uma solução: dialogar com ele, dialogando ao mesmo tempo consigo mesmo. Os olhos têm que ser maliciosos para acompanhar as sutilezas de seus traços e manchas; mas o coração precisa de um mínimo de lisura para acompanhar o artista, dotado de grande ternura em relação a tudo. A ternura do papel que recebe a impressão.



**MARCS**

Governo do Estado do Rio Grande do Sul  
Conselho Estadual de Desenvolvimento Cultural  
Museu de Arte do Rio Grande do Sul

Rua Sete de Setembro, 1010 – Praça da Alfândega  
Fones: 21.8456 e 27.2311  
CEP: 90.010